

Editorial

O presente Dossiê, *Ensino de filosofia e epistemologias feministas: práticas de insurgência intelectual*, surge em um momento de intensa reflexão no campo educacional e social brasileiro. Desde a promulgação da Lei nº 11.684/2008, que restabeleceu a obrigatoriedade do ensino de Sociologia e Filosofia no Ensino Médio, consolidou-se um espaço de luta pela legitimação desses saberes e pelo fortalecimento de uma formação crítica e cidadã. No Ceará, essa movimentação encontra terreno fértil: a multiplicidade de pensadoras atuantes na região tem entrelaçado prática docente, resistência política e compromisso ético com a transformação social. Nesse cenário, o Estado do Ceará se destaca como polo de referência na produção de conhecimento teórico-prático sobre o ensino de Filosofia e sobre a filosofia elaborada por filósofas. Os Encontros Cearenses de Professores de Filosofia (2019, 2022, 2023 e 2024) revelam a vitalidade dessa comunidade acadêmica e sua disposição de articular a reflexão política e de gênero às práticas de ensino. Esse protagonismo também se fortalece com o Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO), hoje consolidado na Universidade Federal do Ceará (UFC) e na Universidade Federal do Cariri (UFCA).

A força deste dossiê reside justamente em mostrar como as epistemologias feministas se constituem enquanto práticas de insurgência intelectual, capazes de transformar tanto a compreensão da própria filosofia quanto a filosofia do ensino de filosofia. Os artigos aqui reunidos compõem um mosaico de perspectivas que, embora distintas em seus objetos, compartilham uma mesma inquietação: interrogar as opressões, evidenciar silenciamentos e afirmar as resistências que emergem quando ensino, filosofia e feminismos se cruzam como força disruptiva diante do pensamento hegemônico.

Um primeiro eixo de reflexão resgata críticas do poder e da resistência. O artigo de Cristiane Maria Marinho apresenta a trajetória intelectual de Margareth Rago, evidenciando como a historiadora-filósofa desenvolveu um referencial foucaultiano-thompsiano para analisar os processos de “colonização das mulheres” no Brasil entre 1890 e 1930. Em obras como *Do Cabaré ao Lar e Os Prazeres da Noite*, Rago articula conceitos como biopolítica e governamentalidade para compreender tanto a disciplinarização feminina quanto as formas de resistência que se expressavam nas operárias e nas prostitutas, revelando as contradições de uma modernidade que pretendia instaurar a “cidade disciplinar”.

Em perspectiva metodológica complementar, Viviane Magalhães Pereira investiga o método hermenêutico desenvolvido por Carol Gilligan, o *Listening Guide*, em diálogo com a tradição gadameriana. Pereira mostra como Gilligan elabora uma ética do cuidado responsável que se contrapõe aos modelos universalistas de moralidade. A partir da escuta atenta das vozes silenciadas, Gilligan constrói uma fundamentação filosófica situada e relacional para os dilemas contemporâneos — uma contribuição que amplia os próprios horizontes da ética.

O dossiê se volta então para o terreno educativo, compreendido como espaço de insurgência epistemológica. O artigo de Suzana Oliveira de Almeida propõe a inserção de epistemo-

logias feministas e interseccionais no ensino de filosofia da educação básica cearense. Mobilizando autoras como Djamila Ribeiro a partir do conceito de “lugar de fala”, Lélia Gonzalez e a “amefrikanidade”, Grada Kilomba e a condição de “Outro do Outro”, além de bell hooks com sua pedagogia crítica, Almeida demonstra como essas vozes combatem o silenciamento epistêmico e valorizam saberes situados no cotidiano escolar, transformando a sala de aula em espaço de resistência intelectual.

Em diálogo com essa perspectiva, o texto de Emanuelle Beserra de Oliveira aproxima a Teoria Crítica adorniana à pedagogia do amor de bell hooks. O artigo articula a crítica à “cultura do dominador” com a proposta de uma educação como prática da liberdade, revelando que afeto e razão não são polos opostos, mas dimensões que podem se entrelaçar em uma pedagogia de resistência às estruturas desumanizantes. A razão crítica e a pedagogia do amor se articulam como forças de ruptura contra a separação moderna entre racionalidade e sensibilidade. Já a professora Elivanda de Oliveira Silva, com seu artigo sobre as ameaças do neoliberalismo ao ensino de filosofia, nos convida a pensar o processo educativo e quais as funções podem exercer as professoras e os professores de filosofia quando o que resta é simplesmente uma educação de matriz neoliberal. A autora pontua que para construirmos uma educação que tenha como objetivo o cuidado com o mundo, faz-se necessário que gestoras, gestores, docentes e discentes coloquem em prática ações de caráter gnosiológico, político e ético que, ao promover um ensino libertador e emancipatório, denuncie o projeto de educação neoliberal em curso no Brasil.

Outro eixo do dossiê se volta para as contradições estruturais da educação, a partir de uma lente psicanalítica e materialista. O ensaio de Débora Klippel Fofano propõe uma leitura do “avesso” da educação. O texto argumenta que a promessa moderna de universalidade e emancipação se sustenta sobre exclusões sistemáticas de gênero, raça, classe, território e linguagem. Nesse sentido, o fracasso da educação não é acidente, mas sintoma constitutivo — e, paradoxalmente, condição de reinvenção. Ao revelar a impossibilidade estrutural do ato de educar, o artigo afirma a fissura como lugar fértil de criação e de resistência.

Finalmente, o dossiê se abre para críticas que problematizam tanto a colonialidade quanto às novas formas de dominação tecnológica capitalista. O artigo de Luciana Lima Fernandes mergulha no feminismo decolonial em Abya Yala, analisando as experiências históricas e as lutas de mulheres indígenas e campesinas. Fernandes evidencia como o feminismo comunitário e as epistemologias ancestrais desafiam a colonialidade do gênero e os feminismos hegemônicos, propondo outras formas de compreender a relação entre corpo, território e resistência. Por fim, a análise de Francisca Galiléia Pereira da Silva sobre o pensamento de Shoshana Zuboff nos conduz a compreensão das armadilhas do capitalismo de vigilância, mostrando como a transformação da ação humana em matéria-prima preditiva inaugura uma nova forma de poder, que combina assimetria informacional com modulação subjetiva. Nessa chave, o texto convoca a pensar em estratégias feministas de resistência frente às tecnologias de captura e controle.

Este dossiê é, assim, testemunho do trabalho coletivo de mulheres que transformaram experiências de exclusão em práticas de insurgência intelectual. Cada artigo representa não apenas uma contribuição acadêmica, mas também um gesto de resistência epistêmica: as mulheres estudam filosofia e as reinventam, instaurando conceitos, métodos e práticas que deslocam cânones e abrem novas possibilidades para o pensar.

Ficamos muito satisfeitas que a *Revista Argumentos* acolha o dossiê, organizado por Débora Klippel Fofano (SEDUC-CE), Elivanda de Oliveira Silva (IFPI) e Emanuelle Beserra de

Oliveira (IFCE). Os textos reunidos demonstram que, quando atravessado pelas epistemologias feministas, o ensino de filosofia se converte em território fértil para práticas que não apenas enriquecem o currículo, mas transformam os próprios fundamentos do que significa ensinar e aprender filosofia.

Convidamos leitoras e leitores a mergulharem nestas páginas, que documentam não apenas reflexões teóricas, mas também vidas pensantes que fizeram de sua insurgência intelectual uma forma de resistência e de criação. Aqui a Filosofia se deixa atravessar pelos feminismos e, ao fazê-lo, reinventa-se como espaço de liberdade, crítica e criação.

As editoras,

Débora Klippel Fofano (SEDUC- CE)

Elivanda de Oliveira Silva (IFPI)

Emanuelle Beserra de Oliveira (IFCE)